

FOTO: SIMONE GAZZONI

SCRIPT



The Continuum | Beyond The Killing Fields

THEATREWORKS ■ SINGAPURA

DANÇA PRA TODO MUNDO
f1d15 anos
fórum internacional de dança
bh mg brasil **2011**

festival
panorama
2011 20 anos

04 >> 20 NOV
www.panoramafestival.com

THEATREWORKS apresenta
THE CONTINUUM: BEYOND THE KILLING FIELDS

Mantendo o aspecto documental desta produção, a companhia TheatreWorks decidiu apresentar a tradução na forma de um roteiro, distribuído entre os espectadores. Com inspiração no Teatro Nô, o público lê o roteiro à medida que a peça avança. Isso permite a escolha entre prestar atenção nos dançarinos e ler o roteiro em um momento apropriado. O espectador pode se concentrar na sonoridade de uma língua diferente, na atmosfera entre os dançarinos e nas mudanças em suas expressões faciais. Por isso, a plateia permanece iluminada. Convidamos o público a levar o roteiro para casa.

Baseado nas histórias de vida desses artistas
Cambojanos que sobreviveram o regime do Khmer
Vermelho 30 anos atrás

CONCEBIDO E DIRIGIDO POR _____ Ong Keng Sen

COLABORADORES-INTÉRPRETES _____ Em Theay
(Em ordem de apresentação) Thong Kim Ann (Preab)
Kim Bun Thom
Mann Kosal

VOCAIS E MÚSICA COMPOSTA POR _____ Fukuoka Yutaka (Yen Chang)

DESENHO DE LUZ RECRIADO POR _____ Thomas Dunn

VÍDEO _____ Noorlinah Mohd

PRODUZIDO POR _____ TheatreWorks (Singapura)

PRODUTOR _____ Tay Tong

PRODUTOR DE PALCO _____ Lisa Porter

GERENTE DO PROJETO _____ Hoo Kuan Cien

ENGENHEIRO DE SOM _____ Jeffrey Yue

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DE PALCO _____ Emily Hayes

TRADUÇÃO _____ Kang Rithisal

APOIO _____ National Arts Council, Singapore
Singapore International Foundation

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS _____ Amrita Performing Arts, Cambodia
Center For Performance Research, New York City

© TheatreWorks & Collaborators (2001)

TheatreWorks (Singapore)

72-13 Mohamed Sultan Road Singapore 239007

T: +65 6737 7213 | F: +65 6737 7013

E: taytong@theatreworks.org.sg

URL: www.theatreworks.org.sg | www.72-13.com

PRÓLOGO EM VÍDEO: HONRANDO O MESTRE

Sampeah Kru: Honrando nossos mestres

A cerimônia Sampeah Kru, realizada no Teatro Nacional do Camboja, invoca espíritos ancestrais e espíritos da dança.

É uma cerimônia que honra os espíritos da dança, de mestres já falecidos, bem como os mestres do presente.

Em Theay decidiu realizá-la uma semana antes de viajarmos. Ela disse que é um costume, uma forma respeitosa de honrar os espíritos antes de embarcar em um novo projeto criativo ou mesmo antes de uma apresentação.

Nesta cerimônia, pratos de comida, frutas, incenso e outras oferendas são apresentadas.

Um mestre de cerimônias atua como 'O Homem Sábio'. Ele conduz a cerimônia com cantos e rezas.

Bailarinos também dançam, demonstrando suas habilidades e, ao mesmo tempo, agradecendo por tudo que aprenderam.

Originalmente, a dança clássica cambojana era praticada somente por mulheres. Elas representavam todos os papéis, inclusive os masculinos: príncipe, demônio e macaco.

Porém, nos anos 1930, a Rainha Mãe decretou que homens deveriam interpretar o papel do macaco e ser incorporados ao corpo de baile real.

CENA 1.1: AS ROUPAS

MANN:

Um dia, o Khmer Vermelho me mandou para um novo campo de trabalho. Aqui, eles substituíam o chefe do meu grupo a cada dez ou quinze dias.

Eu conversava com o chefe do meu grupo, um homem muçulmano. Ele gostava muito de mim. Perguntei: "Onde está o chefe anterior? Ele foi levado embora e nunca voltou".

Ele disse: "Esta é uma época de instabilidade política. Sou um prisioneiro de guerra, um prisioneiro do meu país. Você não deveria chegar perto, nem sorrir pra mim. É melhor ficar bem longe. Você pode ser morto".

No mesmo dia, enquanto pescava, vi um soldado do Khmer Vermelho chegando em um barco.

Ele levou o chefe do meu grupo. Continuei trabalhando. Quando comecei a secar minhas redes, o soldado voltou trazendo algumas roupas e disse: "Leve estas roupas para a família dele." Depois, jogou as roupas no chão e foi embora. Fiquei quieto.

Naquela noite, dormi com as roupas ao meu lado. Estava com muito medo, pois as roupas pertenciam ao chefe do meu grupo.

CENA 1.2: QUEBRANDO O MILHO

PREAB:

Quando saí de Phnom Penh durante as evacuações em massa, tinha dois filhos. O menino tinha quatro anos de idade e a menina, um. E eu estava grávida de oito meses.

A caminho do campo de trabalho em Battambang, dei à luz meu terceiro filho.

Quando cheguei lá, não me deram nenhum trabalho pesado. Mas seis meses depois, fui mandada para a plantação de milho.

Um dia, minha filha me seguiu até a plantação. Eu não sabia.

De repente, ouvi gritos: "Ei, ei, aquela menina, aquela menina está quebrando o milho!" Virei e vi que era a minha filha.

Fiquei com tanto medo que o oficial do Khmer Vermelho levasse minha filha, que gritei com ela: "Você tem que ir agora, vá! Volta agora." Minha filha era muito pequena. Ela não entendeu por que eu estava tão nervosa.

Catei as plantas de milho que minha filha tinha arrancado e comecei a bater nas pernas dela. Minha filha começou a correr. Não pude ir atrás dela, tinha que continuar trabalhando.

Quando voltei para casa naquela noite, ela estava com febre alta.

Nos próximos três dias, o Khmer Vermelho não permitiu que eu voltasse para casa.

Eu não tinha comida nenhuma para minha filha, a não ser meu amor.

PREAB:

Finalmente, o Khmer Vermelho permitiu que eu voltasse para casa. Minha filha já estava muito fraca. Quando a olhei, ela tocou na minha bochecha, mas só conseguia dizer "Mak Mak" (mãe). Senti que minha filha queria dizer alguma coisa. Pouco depois, fechou os olhos e morreu.

CENA 1.3: PORQUE VOCÊ ESTÁ CHORANDO?

BUN THOM:

Naquela época, eu não era casada. No segundo ano em que estava presa, o Khmer Vermelho me obrigou a casar com um soldado que não tinha pernas.

Eu estava chorando num canto, quando um homem chegou perto e perguntou: "Porque você está chorando?" Eu disse: "Serei forçada a casar com um soldado sem pernas. Não sei o que fazer." E ele disse: "Não chore, case comigo". Eu aceitei. Daí, fui até o chefe do campo de trabalho para dizer que não me casaria com o soldado sem pernas, pois já tinha um parceiro.

Foi assim que conheci meu marido.

CENA 2: OS CAMPOS DE ARROZ

EM THEAY:

Enquanto fiquei presa, tinha que trabalhar nos campos de arroz. A cada intervalo, os soldados do Khmer Vermelho me obrigavam a mostrar alguma dança tradicional.

Uma manhã, eles riram de mim "Por que na Dança Real você mexe as duas mãos e fica com uma perna para cima? Então mostra pra gente, vovó!"

DANÇA

Quando terminei, eles perguntaram: "Porque existe uma palavra para atrair homens na Música da Corte Real?" Respondi: "Atrair homens não quer dizer atrair você como homem, mas atrair o mundo para olhar para as nossas danças."

Depois disso, era obrigada a mostrar uma dança diferente a cada dia.

Um dia, enquanto eu dançava, um homem veio do hospital para dizer que meu filho havia morrido.

Eu fiquei chocada, mas muito apavorada para dizer alguma coisa ou mostrar minhas lágrimas. Meu choro poderia fazer com que os guardas do Khmer Vermelho me matassem. Resolvi pedir permissão para ver o corpo. A permissão foi negada. Disseram que eu não precisava me preocupar, era responsabilidade do pai preocupar-se com meu filho.

Naquela noite, quando terminei o trabalho, parei no hospital para procurar o corpo do meu filho. Disseram que ele já havia sido enterrado.

Até hoje, não sei onde meu filho está enterrado.

EM THEAY:

Na manhã seguinte, tive uma febre muito alta. Então, fui até a oficial pedir uma folga. Mas ela disse que eu estava sendo preguiçosa. Naquela manhã, enquanto colhia arroz, desmaiei.

Quando acordei, vi que estava no hospital.

No quarto dia, meu oficial mandou juntar minhas roupas, pois eu estava na lista dos que iriam desmatar a floresta.

Minha sorte foi que o chefe do meu grupo entrou e sugeriu que eu fosse mandada para cuidar das crianças da comunidade. Nunca mais vi as pessoas que foram para a floresta.

Cantei a música de Buda para as crianças. Cantei para que os meus filhos fossem para o céu e para que todas as crianças da comunidade conhecessem apenas a paz e não a fome.

CANÇÃO

A música tocou a chefe da comunidade das crianças. Ela mandou cantar uma música diferente a cada dia. Mais de cem crianças vinham ouvir todos os dias.

VÍDEO

ONG KENG SEN:

Em 1977, Pol Pot evacuou a capital do país, Phnom Penh. Esta evacuação levou os cambojanos para os muitos campos de trabalho espalhados pelo país. Inspirado pela Revolução Cultural Chinesa, Pol Pot iniciou seu próprio ano zero – a limpeza do Camboja. Pessoas que usavam óculos, ou eram casados com estrangeiros, falavam francês, intelectuais, artistas tornaram-se prisioneiros políticos. Eles foram enviados para Tuol Sleng, ou Unidade de Aprisionamento e Interrogatório S-21, torturados e executados.

Neak Kru Em Theay contou que quase 300 artistas, amigos dela, morreram durante o regime do Khmer Vermelho. Como eram membros da Corte, Pol Pot quis que morressem. Hoje, ela é provavelmente o único arquivo vivo de danças e músicas clássicas do Camboja.

CENA 3: O MACACO QUE SOBREVIVEU

MANN:

O monge me disse: "Ei, se você quer ter um futuro promissor, precisa estudar muito."

VÍDEO

Faz parte do trabalho

Primeiro passo: Comprar pele de boi

Segundo passo: Secar a pele de boi

Terceiro passo: Depois que a pele estiver seca, espalhar tanino

Quarto passo: Desenhar o fantoche no papel

Usar o padrão final do desenho, colocar sobre o couro

Começar a cortar o couro com ferramentas

Quinto passo: Pintar o fantoche

Sexto passo: Fazer hastes para os fantoches

Sétimo passo: Diversão com as crianças

Minha mãe disse: "Sem dinheiro, sem estudo. Seus irmãos precisam arrumar dinheiro para encher a barriga antes. Então, você vai ficar no templo com o monge, estudar e não vai voltar. Mesmo se você voltar, não será bem-vindo".

CENA 4: TREINAMENTO

CENA 5: O PAPEL MASCULINO E O PAPEL DO GIGANTE DA DANÇA CLÁSSICA KHMER

PAPEL MASCULINO: ANDAR

PAPEL MASCULINO / BUN THOM :

No campo de trabalho, fiquei grávida. Quando meu marido descobriu, proibiu que eu carregasse água do lago até a casa. Ele passou a levar água para que eu tomasse banho.

PAPEL DO GIGANTE: ANDAR

PAPEL MASCULINO: OLHAR

PAPEL MASCULINO / BUN THOM:

Quando o Khmer Vermelho o viu, avisaram: "Pare, se fizer isso de novo, será morto. Homens e mulheres são iguais na nossa sociedade, então vocês dois fazem o trabalho pesado. Você não serve a sua mulher. Odiamos esta palavra: servir".

PAPEL GIGANTE: VER

PAPEL MASCULINO: AMAR

PAPEL MASCULINO / BUN THOM:

Naquela noite, ele ficou pensando muito. Eu disse: "Pare de pensar, eu posso ir até o rio tomar banho."

PAPEL GIGANTE: AMAR

PAPEL MASCULINO / BUN THOM:

Depois, ele me perguntou: "Você ama o bebê?". Eu disse: "Sim, amo. Mas admito que seja muito difícil ficar com o bebê neste momento". Ele disse: "Também acho."

PAPEL GIGANTE: ALEGRIA

PAPEL MASCULINO: RAIVA**PAPEL MASCULINO / BUN THOM:**

Por fim, ele perguntou: "Tudo bem para você, se não ficarmos com o bebê?" Eu sabia, no meu coração, que seria difícil ter um filho durante o regime do Khmer Vermelho, então disse: "Você que sabe".

PAPEL GIGANTE: RAIVA

PAPEL MASCULINO: PESAR**PAPEL MASCULINO / BUN THOM:**

Eu não sabia o que meu marido iria fazer. Três dias depois, ele trouxe um remédio tradicional. Fervemos o remédio e bebi. Três ou quatro dias depois, o bebê se foi.

PAPEL GIGANTE: PESAR

PAPEL MASCULINO E PAPEL GIGANTE: VOAR

CENA 6: A GUERRA**MANN:**

17 de abril de 1975. Dois caminhões cheios de soldados do Khmer Vermelho chegaram ao templo. O monge que havia me salvado trocou o traje tradicional pelo uniforme do Khmer Vermelho. Ele entrou no caminhão e não disse uma palavra. Na verdade, ele era um soldado do Khmer Vermelho.

VÍDEO

Campo de prisioneiros Toul Sleng (Museu do Genocídio)

CENA 7: A PERSEGUIÇÃO AOS ARTISTAS

PREAB:

Durante a evacuação, todos os dias havia anúncios do Khmer Vermelho. Diziam que os dançarinos tradicionais precisavam se cadastrar. Minha mãe ouviu os anúncios, mas não se cadastrou. Naquela época, meu pai já havia morrido. Minha mãe tinha muitos filhos para cuidar, inclusive eu. Eu estava grávida. Então, durante a evacuação, ela resolveu esquecer seu passado na dança e viajar com a família.

Minha mãe tinha um aluno de música favorito, de alma. Sin Si Sa Mut cadastrou-se. Ele morreu em Toul Sleng.

VÍDEO

A busca por Neak Kru Khon

Neak Kru Khon, parceira e amiga de Em Theay, morreu em Toul Sleng. Ela viu uma foto de Khon ao visitar o museu, anos atrás. Mas agora esta foto não pode ser encontrada.

Fomos aos arquivos procurar registros de Neak Kru Khon.

Enquanto procurávamos os registros de Khon, nossa tradutora, Kulikar, encontrou o arquivo de seu tio. A última vez que ela havia visitado Toul Sleng foi em 1984, quando sua mãe procurava pelo irmão, Ang Chou Bee, cujo arquivo estava nas mãos de Kulikar. Ela podia sentir o cheiro de sangue e suor, ainda havia cabelo humano nas correntes.

Ela nunca mais quis voltar a Toul Sleng.

Por que você veio a Toul Sleng conosco, Kulikar?

Os arquivos de Neak Kru Khon ainda não foram encontrados.

CENA 8: A PRIMEIRA DANÇA KUKROO

EM THEATY:

Duas pombas conversando num galho de árvore

Kukroo Kukroo Kukroo!

Olhando para a revoada de pelicanos e garças que passavam apressadamente

Mordendo uma a outra

Empoleiradas no galho da árvore

Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi...

O tigre grande e o tigre pequeno brincam juntos

Na montanha

Vim Voom Vim Voom!

Olhando para os macacos

Olhando para as frutas

Catando umas frutas e brincando com os macacos

Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi...

Chacais colocam a cabeça para fora

Andando e procurando comida

Chrut Chroo Chrut Chroo!

Espantando todos os insetos, correndo rápido

Espantando todos os tipos de pássaros e

Lagartos grandes e pequenos

Aova Tokkei!

Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi Noi...

CENA 9: DANÇA TRADICIONAL KHMER, DANÇA NOVA

DANÇA

- INTERVALO -

CENA 10: MANTENDO A DANÇA VIVA

VÍDEO

A evacuação

No primeiro dia em que o Khmer Vermelho tomou o poder, eu fiquei muito feliz.

Eu achava que a guerra estava chegando ao fim.

Saí de casa com esperança, muito confiante de que eu estaria de volta em três dias.

Você precisa sair de Phnom Penh agora, dentro de uma hora, só por três dias. Você não precisa levar muita comida ou roupa. Se você não sair agora, as bombas cairão na sua casa.

Passaram três dias,

depois 1 mês,

depois 2 meses.

Então, todo o arroz e toda a comida acabaram.

Nunca houve uma direção clara do regime de Pol Pot para onde deveríamos ir. Havia muitos soldados na estrada.

Um dia, eles colocaram a família inteira em um trem e nos mandaram para Battambang.

O trem era de péssima qualidade. Todos dormiam no chão. Em cada trem, havia centenas de pessoas. Quando finalmente chegamos, fomos divididos em cinco grupos.

A viagem era muito divertida para mim, por causa dos caminhões que rodavam nas estradas, anunciando avisos para que as pessoas voltassem para a cidade.

"Todos os profissionais: professores, bailarinos ou soldados devem se registrar. Precisamos de seus serviços para reconstruir nosso país."

Meus amigos e eu pulávamos de caminhão em caminhão até que o motorista nos jogasse para fora.

Ficávamos esperando outro caminhão e subíamos de novo.

Eles nos diziam, Battambang é um lugar rico, com solo rico.

Rico de arroz.

Rico de peixe.

Rico de tudo.

Todas as famílias disputavam um lugar para ir a Battambang.

Diziam: "tudo que plantar, você pode comer."

Enquanto viajávamos, encontramos com pessoas que conheciam nosso passado. Tinhamos medo de que eles nos entregassem. Então, tínhamos que ir para aulas de política, o que significava que nunca mais voltaríamos.

Qualquer um que estivesse envolvido com a Corte era um alvo.

Meu pai era funcionário da alfândega durante o regime real. Meu pai registrou honestamente seu trabalho.

Nunca mais o vi.

Minha mãe disse que deveríamos viajar pelo rio Mekong. Se fôssemos pelo rio, poderíamos pegar peixes para comer. Se fôssemos por terra, não teríamos nada para comer.

Meu pai chamou minha mãe para ir com ele e a segunda esposa. Minha mãe disse: "não importa de onde você vem, você precisa ir por este caminho".

Foi a última vez que vi meu pai.

Quando cheguei em casa, não vi ninguém. Todos haviam sido evacuados.

O monge disse que minha irmã e meu irmão me procuraram, mas eu estava procurando por eles.

Nós nos desencontramos. Eles se foram.

Finalmente, o trem chegou à estação. Naquela noite, tivemos que esperar lá.

A estação não tinha teto e chovia muito. As crianças ficaram doentes, assim como algumas velhinhas. Mas não havia remédios.

Algumas mulheres deram à luz. Os bebês morreram na chuva.

Ao sair da cidade, tive a sensação de que talvez este regime fosse muito pior do que o de Lon Nol, mas tentei ser paciente.

Talvez Pol Pot precisasse limpar toda a corrupção.

Eliminar a pobreza.

Quando cheguei a Battambang, vi que o regime de Pol Pot seria o pior.

"Por que a minha vida mudou tão rápido?"

No dia 30 de maio de 2001, fomos para Battambang. Foi uma viagem massacrante, por estradas esburacadas, com muita confusão. Quase nos perdemos.

Depois de duas horas, finalmente chegamos à vila de Preab.

Não tínhamos mapas. A memória de Preab era nosso único guia.

DANÇA

EM THEAY:

No dia da evacuação, eu acabara de voltar do palácio. Estava com meu livro de música, meu livro de dança e meu figurino. Sempre os carrego na bolsa, especialmente durante apresenta-

ções. Quando sai da cidade, não levei muita coisa, só esta bolsa. No campo de trabalho, tive que descobrir diferentes formas de esconder os livros dos espões ou seria morta. Até hoje tenho esses livros, que uso para ensinar as novas gerações.

CENA II.1: OS CASAMENTOS FORÇADOS

BUN THOM:

No dia em que me casei, não éramos o único casal. O Khmer Vermelho juntou todos em uma grande sala. O oficial disse: "Hoje, o Khmer Vermelho tem a satisfação de casar vinte casais." Eles anunciaram os nomes de cada casal que eles haviam arranjado.

Então, os anúncios terminaram – estávamos casados.

Naquela primeira noite, ele era um estranho para mim e eu era uma estranha para ele. Não ousou me tocar. Eu era muito tímida para deitar ao seu lado.

Depois de muito tempo, meu novo marido disse: "Você está com sono, por favor, durma ao meu lado." Então, deitamos lado a lado.

Mais tarde, ouvimos um barulho. Alguém estava no telhado. Meu marido me abraçou imediatamente.

Eu fiz um movimento para mostrar que não queria. Ele disse: "Fique quieta, alguém está nos espiando."

CENA II.2: COMPENSANDO

PREAB:

Quando nossa filha morreu, meu marido estava trabalhando em outro campo, a mais de 20 km.

Quando ele finalmente voltou para casa, ficou muito chocado ao saber da morte da filha. Ele não queria mais viver.

Eu queria pedir ao chefe do meu campo de trabalho que deixasse meu marido ficar comigo, trabalhando na plantação de milho.

Meu marido concordou em fazer isso por mim.

Eu implorei para que o chefe deixasse meu marido ficar. Ele não disse nada por um bom tempo, daí chamou alguém. De repente, dois soldados chegaram e amarram os braços do meu marido.

Eu gritei: "Eu cometi um grande erro. Eu deveria ser mais fiel ao Khmer Vermelho. Por favor, permitam que meu marido volte para onde estava."

Eles o levaram embora.

Nunca mais vi meu marido.

Depois que o regime do Khmer Vermelho acabou, casei novamente. Mas nunca me perdoei.

Casei com meu segundo marido porque queria minha filha de volta.

PREAB:

Sinto que só casei com meu segundo marido para ter filhos. Dei todo o meu amor aos meus filhos. Nunca bati neles, nunca gritei com eles.

Às vezes, quando encontro com amigos, digo que tenho sete filhos. Dois do meu primeiro marido e cinco do meu segundo marido. Todos riem de mim.

Ninguém entende que eu tive mais cinco filhos só para compensar a perda da minha filha.

Sinto que cometi dois grandes erros na minha vida. Um, foi espantar minha filha na plantação de milho. O segundo foi querer que meu marido ficasse comigo. Não queria que ele morresse longe de mim, mas isso causou sua morte.

CENA 11.3: QUEBRANDO O CICLO

BUN THOM:

Quando era garota, não entendia minha mãe. Eu a culpava pelas brigas que ela tinha com meu pai, por ele ter outra mulher.

Meu marido me traiu. Ele tinha uma amante. Só agora, entendo o quanto minha mãe sofreu quando meu pai foi embora, sem ter responsabilidade com a família.

Tudo que minha mãe viveu está acontecendo comigo.

Herdei a vida dela.

Mas não sou uma vítima como minha mãe era. Finalmente, divorciei-me do meu marido.

CENA 11.4: A ENERGIA DO MEDO

MANN:

Durante o regime do Khmer Vermelho, minha única preocupação era encher a barriga. Meu estômago estava sempre vazio.

A energia que eu usava para trabalhar não era a energia do arroz, era a energia do medo.

Um dia, um dos meus companheiros de trabalho ficou doente. Então fui perguntar se ele podia descansar. Disseram que não, tínhamos que terminar a represa.

Não conseguimos terminar a represa naquela noite.

Pedi permissão para continuar o trabalho no dia seguinte, dizendo que acordaríamos mais cedo. O oficial disse: "Ok, é melhor vocês terminarem amanhã, se não, algo terrível vai acontecer com vocês".

Na manhã seguinte, acordamos 5h da manhã.

O guarda do Khmer Vermelho viu que éramos apenas três e foi até o alojamento bater no garoto doente.

Só depois de bater nele por algum tempo, o guarda percebeu que o garoto estava morto.

Continuei trabalhando, mas o incidente me marcou muito. Eu tentei manter o otimismo e continuar vivo. Mas fiquei pensando que um dia iria morrer como o meu amigo. Então, fugi.

MANN:

Desde então, nunca mais quis trabalhar sob o controle de alguém, especialmente do governo. Não quero fazer parte de nenhum assassinato.

CENA 12: HERDANDO O PAPEL DE MINHA MÃE

PREAB:

Em 1991, eu finalmente herdei de minha mãe o papel de ladrão. Meu sonho virou realidade.

Agora, eu e minha mãe gostaríamos de representar o mesmo papel para vocês.

LADRÃO:

Eu sou o chefe dos ladrões,

Sou agressivo e corajoso.

Uso a floresta como se fosse meu reino.

Tenho 500 tropas.

Quando o sol se põe, começamos nossa jornada.

Ei, vocês! Já estão todos aí?

VIDENTE:

Sim, chefe!

LADRÃO:

Estão todos prontos?

VIDENTE:

Sim senhor!

LADRÃO:

Hoje, vou sair para saquear, então leia minha sorte para ver se é um dia auspicioso.

VIDENTE:

Ok, chefe! Terei prazer em ler a sua sorte.

Segunda-feira é dia de tigre,

terça-feira é dia de pipa,

quarta-feira é dia de enguia,

sexta-feira é dia de Tavao (um tipo de pássaro),

sábado é dia da coruja,

e domingo é dia do carro de boi.

Um rato grande está comendo picles e está tão cheio que sua barriga está grande.

Esse rato corre pela floresta, uma raposa o persegue.

As moscas também o perseguem.

LADRÃO:

Tem certeza que é um dia auspicioso?

VIDENTE:

Sim, hoje é um grande dia.

LADRÃO:

Então, esteja pronto para sair agora.

VIDENTE:

Sim, senhor. Vou preparar as tropas agora.

LADRÃO:

Estamos nos preparando, com espadas na mão e buscando nosso objetivo!

CENA 13: POL POT MORREU EM PAZ, SEM JULGAMENTO ALGUM

MANN:

Este sou eu, este sou eu. Tenho dez anos.

Minha família é muito grande. Tenho doze irmãos. Meu pai é um famoso jornalista político e escreve para jornais.

Chame-me de gênio. Uma família normal tem 12 crianças, nós temos 13, então temos uma extra! A criança extra sou eu! Eu sou o gênio.

Logo em seguida, meu pai foi morto e eu fui adotado. Meus pais adotivos não me tratavam muito bem. Finalmente fui resgatado pelo monge. Eu era muito novo para entender ou saber o que estava acontecendo.

Mas hoje sei que meu país passou por um inferno. Houve uma enorme vala comum e assassinatos entre nosso próprio povo. Mas o assassino (Pol Pot) ficou em paz. Ele morreu tranquilamente, morreu sem passar por qualquer julgamento. Não assumiu nenhuma responsabilidade pelo que fez.

CENA 14: MÃES E FILHAS

VÍDEO

Notas

Três gerações de mulheres interpretando o papel do gigante.

PREAB:

"Minha filha e eu começamos a ensaiar o personagem Ngors ao mesmo tempo. Fomos treinadas por minha mãe. Mas minha filha conseguiu dançar antes de mim."

PREAB:

A maioria dos dançarinos tradicionais tem muita expectativa de que eu assuma os papéis de minha mãe, inclusive os sentimentos.

Quando eu era criança, era mais próxima do meu pai do que da minha mãe. Passei a maior parte do meu tempo com ele, enquanto minha mãe ensaiava ou dançava.

EM THEAY:

Meu marido era um soldado real. Nos apaixonamos. Depois de seis meses de casamento, fiquei grávida. A Rainha Mãe disse: "Se eu soubesse que você estava com tanta pressa para engravidar, não teria permitido que você se casasse."

PREAB:

Às vezes, os dançarinos ficam com inveja porque sou filha de Em Theay. Eu digo para mim mesma que tenho meus próprios objetivos, que dançar é o que eu amo. Busco esse objetivo, sendo filha de Em Theay ou não.

EM THEAY:

Sempre que a vejo dançar, fico com vontade de beliscar e bater nela. Sempre acho que minha filha tem muito que desenvolver.

CENA 15: A VOLTA

EM THEAY:

Um dia, acordamos e vimos que todos os oficiais do Khmer Vermelho haviam desaparecido. Houve muita confusão no meu campo de trabalho. Começamos todos a fugir, sem sapatos.

Ao longo do caminho, testemunhamos muitos embates entre soldados do Khmer Vermelho e soldados Vietnamitas que estavam invadindo nosso país. Lembro de um pagode bombardeado. Tudo estava completamente destruído, menos um Buda reclinado.

Paramos na cidade de Battambang para procurar entes queridos que tivessem fugido de outros campos de trabalho. Encontrei um velho estudante que me convidou para ensinar dança em uma escola que tinha sido reaberta recentemente. A escola tinha um mês de vida.

Depois de alguns dias, obriguei minha família a continuar a viagem até Phnom Penh, pois sentia muita falta do Palácio Real.

Durante a caminhada de um mês até Phnom Penh, toda vez que eu parava, ensinava dança e música clássicas.

O Ministério da Cultura descobriu que eu ainda estava viva. Eles me pediram para voltar a dar aulas. No começo, nos pagavam com rações de arroz.

Hoje, estou aposentada, mas ainda ensino danças e músicas tradicionais para as novas gerações. Amo minha arte e faria qualquer coisa pela minha vida nas artes cênicas.

CENA 16: A DANÇA QUE QUASE FOI DESTRUÍDA

CENA 17: O PROCESSO DE CURA

MANN:

Tenho muita raiva de saber que Poi Pot morreu tranquilamente, em paz, sem pagar pelo que fez.

Quando ando por Toul Sleng, sei que algo estava errado, está errado e estará errado no futuro.

Já vi alguns importantes membros do Khmer Vermelho na televisão. Os líderes atuais os chamaram de volta para o governo. Todos sorriam, riam e brindavam.

PREAB:

Para conseguir meu visto de trabalho, eu precisava ter um certificado do casamento com meu

segundo marido. Nunca quis fazer meu certificado de casamento com ele, mesmo depois de 20 anos.

Meu segundo marido sabe que ainda tenho fortes sentimentos pelo meu primeiro marido. Ele me disse: "Se o seu primeiro marido voltar, farei um sacrifício. Vou deixar você ficar com ele." Então, ele nunca me pediu para tirar um certificado de casamento.

Estávamos em silêncio quando entramos no cartório para tirar o certificado. Não sabia no que ele estava pensando. Eu estava pensando no meu primeiro marido. Ainda não sei onde ele morreu.

NOORLINAH:

Nossos artistas Cambojanos disseram que é muito raro que sobreviventes ainda morando no Camboja falem sobre suas experiências durante o regime do Khmer Vermelho. Então, decidimos fazer este projeto, sabemos que é difícil, mas é um importante processo pessoal de cura.

Mas a primeira fase, em Fevereiro de 2001, não foi nada fácil. Foi extremamente frágil. Frequentemente, ficávamos todos exaustos emocionalmente. Muitas vezes, cada um de nós tinha dúvidas ou questões se o que estávamos fazendo era certo ou se podíamos suportar aquilo. Keng Sen, Yen e eu éramos muito invasivos, estávamos bisbilhotando, escavando suas memórias. Especialmente Yen e eu, com todo aquele equipamento, sabe, gravando. Mas os Cambojanos foram os que persistiram. Eles insistiram e, por isso, temos esta produção.

Então, toda vez que ficamos muito confortáveis ou complacentes ou sentimos que estamos apenas ensaiando uma peça, algo acontece. A memória bate na porta. Num minuto estamos rindo e no próximo, alguém está chorando.

Quando esse momento acontece, geralmente somos pegos de surpresa. A natureza desta produção agora é assim, quando a atmosfera muda, é extremamente imprevisível. Ainda estamos negociando e buscando um equilíbrio entre o processo de cura e a peça, aprofundando e evoluindo nossa relação com os outros, com as memórias e com o trabalho.

VÍDEO

Vídeo gravado da apresentação na Casa de Culturas do Mundo, Berlim, Junho de 2002.

FIM

AGRADECIMENTOS
AMRITA PERFORMING ARTS, CAMBODIA
CENTER FOR PERFORMANCE RESEARCH,
NEW YORK CITY

2000



www.fid.com.br
Belo Horizonte | MG | Brasil

realização

